UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

SILVIO SOUSA ROBALO

ALSINA CINZENTO E O MENTCHER-MENTCHER: CONTRIBUIÇÕES PARA A MÚSICA GUINEENSE CONTEMPORÂNEA

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2026

SILVIO SOUSA ROBALO

ALSINA CINZENTO E O MENTCHER-MENTCHER: CONTRIBUIÇÕES PARA A MÚSICA GUINEENSE CONTEMPORÂNEA

Memorial que acompanha o Trabalho em linguagem artística apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.a Dr.a Agnes Francine de Carvalho Mariano.

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2026

AGRADECIMENTOS

Não posso começar e terminar este memorial sem pelo menos fazer um agradecimento. Foi muito longo o processo de fazer a faculdade. Aconteceram várias coisas, tanto boas quanto ruins, mas em nenhum instante pensei em desistir. A caminhada foi muito desafiadora, enfrentei muitas dificuldades, mas cada experiência foi para mim um crescimento pessoal e acadêmico.

Ao longo do percurso, cometi vários erros, enfrentei derrotas e conquistei vitórias. Cada situação trouxe ensinamentos valiosos e me ajudou a amadurecer como pessoa. Acredito que, em alguns momentos, posso ter magoado pessoas, assim como também fui magoado, isso faz parte da condição humana: errar, aprender e seguir em diante.

Por outro lado, como músico, escrever minhas cantigas sempre foi para mim um gasidju, um espaço de conforto, acolhimento e expressão, que me ajudou a enfrentar dificuldades da vida. Por isso, agradeço a Deus e a todas as pessoas que estiveram ao meu lado desde o início desta trajetória, oferecendo apoio, incentivo e compreensão nos momentos difíceis tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal e musical.

Queria poder abraçar os meus familiares, incluindo minha avó Gualdinha Amaro Araujo Monteiro, minha mãe Ivália Có, meu pai Walter Sousa Robalo, meus irmãos, Walnira Sousa Robalo, Wiliof Sousa Robalo, Silvia Endji Cá, Waldemar Sousa Robalo e Carolinha Sousa Robalo. Também amigos, Leonardo Bigna Na Malé, Navito Umarca Sanca, Aguinaldo João Cali, Paulinho Sanca. E os colegas irmãos que a Unilab me deu ao longo da trajetória, Junior N'calco Correia, Silvio Malu França, Norilde José da Silva, Quintino Siga, Simão Tamba Quadé, que contribuíram de uma forma positiva na minha vida pessoal e acadêmica.

Um agradecimento especial à minha orientadora, professora Agnes Mariano, que me deu um grande suporte desde o começo, com muito amor, paciência, carinho e dedicação para que esse trabalho se tornasse real.

Por último, quero agradecer à Unilab por me acolher longe da minha casa e contribuir para minha transformação intelectual e humana. Através desta universidade, tenho aprendido a conhecer e compreender a minha própria casa, a África. Não há como não agradecer à Unilab por ser uma universidade que de facto promove a integração, conhecimento e a valorização das nossas origens, permitindo

uma visão crítica e consciente, para que os estudantes se transformem em revolucionários.

RESUMO

Este memorial é uma reflexão teórica que apoiou a construção do portfólio do músico e produtor guineense Alsina Cinzento. Neste memorial, refletimos sobre a música guineense, destacando ritmos musicais como tina, gumbé, o hip hop na Guiné-Bissau e o mentcher-mentcher, que é um estilo criado por Alsina Cinzento. Apresentamos o contexto histórico e cultural em que os ritmos surgiram e se desenvolveram. Por esse motivo, trouxemos os aspectos sociais, aspectos da identificação e também os aspectos musicais que mudaram esses estilos dentro do país. Analisamos a importância dessas expressões musicais para a identidade cultural da Guiné-Bissau e também a sua influência na produção artística da atualidade. No segundo capítulo, falamos sobre o portfólio, que é um formato utilizado por artistas para documentar e compartilhar as suas produções, principalmente da área de artes visuais (pintura, fotografia, etc.). Ele também pode ser usado para fazer um trabalho, seja para reunir produções dos estudantes ou de algum artista. O trabalho mostra ainda a trajetória artística do músico e produtor Lamine Iafa, conhecido artisticamente como Alsina Cinzento. A parte final descreve o processo de construção do portfólio digital de Alsina, produto em linguagem artística que realizamos (https://alsinacinzento.wordpress.com/).

Palavras-chave: hip hop (cultura popular) – Guiné-Bissau; Cinzento, Alsina - biografia; portfolios artísticos; mentcher-mentcher.

ABSTRACT

This memorial is a theoretical reflection that supported the construction of the portfolio of Guinean musician and producer Alsina Cinzento. In this memorial, we reflect on Guinean music, highlighting musical rhythms such as tina, gumbé, hip hop in Guinea-Bissau and mentcher-mentcher, which is a style created by Alsina Cinzento. We present the historical and cultural context in which the rhythms emerged and developed. For this reason, we brought the social aspects, identification aspects and also the musical aspects that changed these styles within the country. We analyze the importance of these musical expressions for the cultural identity of Guinea-Bissau and also their influence on today's artistic production. In the second chapter, we talk about the portfolio, which is a format used by artists to document and share their productions, mainly in the area of visual arts (painting, photography, etc.). It can also be used to make a work, either to gather productions of students or some artist. The work also shows the artistic career of musician and producer Lamine Iafa, known artistically as Alsina Cinzento. The final part describes the process of building Alsina's digital portfolio, a product in artistic language that we carry out (https://alsinacinzento.wordpress.com/).

Keywords: hip hop (popular culture) – Guinea-Bissau; Cinzento, Alsina – biography; artistic portfolios; mentcher-mentcher.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Grupo de extensão Cabaz Garandi da Unilab	11
Figura 2	Jovem guineense tocando tina	12
Figura 3	Mapa da Guiné-Bissau	14
Figura 4	Ingredientes (mentcher-mentcher) utilizados na preparação de Futi	18
Figura 5	Prato futi depois da preparação	19
Figura 6	Um homem velho tocando Bumbulum	20
Figura 7	Tambor/Tambur	21
Figura 8	Instrumento Sadjó	22
Figura 9	Imagem de Lamine Iafa/Alsina Cinzento	25
Figura 10	Simulação de criança cantando em casa abandonada	27
Figura 11	Simulação de uma criança com orquestra debaixo da mangueira	27

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	9
2	**CAPÍTULO 1 - MÚSICA GUINEENSE ENTRE OS RITMOS LOCAIS E CONTEMPORÂNEOS**	10
2.1	TINA	10
2.2	GUMBÉ	14
2.3	HIP HOP NA GUINÉ-BISSAU	15
2.4	MENTCHER-MENTCHER	17
3	**CAPÍTULO 2 - O PRODUTO E O PROCESSO**	23
3.1	PORTFÓLIO	23
3.2	LAMINE IAFA/ALSINA CINZENTO	24
3.2.1	**Alsina como produtor e o processo de criação de mentcher-mentcher**	28
3.3	CRIAÇÃO DO PORTFÓLIO	29
4	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**	31
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O trabalho cujo título é “Alsina Cinzento e o mentcher-mentcher: contribuições para a música guineense contemporânea” tem como objetivo analisar as contribuições do músico e produtor Alsina Cinzento para a música guineense contemporânea, mostrando a valorização da cultura da Guiné-Bissau e dos ritmos tradicionais. Apresentamos uma abordagem sobre o contexto histórico e cultural dos ritmos tradicionais guineenses, como surgiram e se desenvolveram, e também sobre a trajetória de Alsina.

Este trabalho em linguagem artística está estruturado em dois capítulos. O primeiro aborda ritmos como tina, gumbé, hip hop na Guiné-Bissau e mentcher-mentcher, estilo musical criado pelo músico e produtor Alsina Cinzento. Falamos da história desses estilos musicais e da importância deles para a cultura guineense.

No segundo capítulo, descrevemos o produto e o processo do trabalho. Primeiro, abordamos o portfólio, formato escolhido para o desenvolvimento do nosso trabalho. Algumas questões serão discutidas brevemente, como o seu conceito e sua importância. Neste capítulo, também descreveremos a trajetória artística de Alsina Cinzento e como foi o processo de elaboração do portfólio, desde o início da pesquisa, definição do tema, coleta de informações e criação do portfólio.

2 CAPÍTULO 1 - MÚSICA GUINEENSE ENTRE OS RITMOS LOCAIS E CONTEMPORÂNEOS

Neste primeiro capítulo da nossa pesquisa apresentaremos um contexto sobre a música na Guiné-Bissau, falando da tina, gumbé, hip hop na Guiné-Bissau e mentcher-mentcher, destacando o trabalho do produtor e músico guineense Alsina Cinzento. Um percurso de pesquisa e reflexão para embasar a criação do portfólio de Alsina, produto gerado por este TCC.

2.1 TINA

Nesta primeira seção, iremos apresentar o contexto histórico e cultural em que a tina, como um gênero musical guineense, surgiu e se desenvolveu. A tina será tratada nessa primeira parte, juntamente com outros ritmos musicais da Guiné-Bissau. Por esse motivo trouxemos os aspectos sociais, aspectos da identificação e também os aspectos musicais que mudaram esse estilo dentro do país. Por outro lado, iremos discutir como a tina se relaciona com as populações locais. Ou seja, como uma tradição, práticas quotidianas e ritmos da ancestralidade, mostrando como ela não só se tornou um simples gênero musical local, mas também uma expressão cultural que passa de geração em geração.

A tina é um ritmo ou gênero musical que nasceu na Guiné-Bissau, entre as populações que viviam no norte do país, concretamente na região de Cacheu. Como falou Ernesto Dabó no documentário Nteregu (Ser Mudança, 2023), “em termos da música nacional da Guiné-Bissau, as peças fundamentais são: gumbé e tina, é como o fado em Portugal, o tango na Argentina, para o guineense, a tina é a alma da música guineense”.

Tina é um estilo na tradição musical guineense conectado às práticas culturais e comunitárias do país. Esse estilo musical é sempre visto nas festas, rituais e celebrações que envolvem a coletividade e exerce um papel muito importante na preservação da cultura e identidade do povo guineense. Falar desse estilo musical é muito importante para perceber não apenas o ritmo musical, mas também suas conexões sociais e históricas com as tradições guineenses.

> A tina é uma modalidade musical guineense e que nasceu a partir da criatividade dos próprios guineenses, dotada de instrumentos musicais

> tradicionais próprios, além disso, ela é uma obra de arte musical, que une diferentes pessoas das etnias e culturas diferentes e é prática de muitos grupos de “mandjuandadi”. A prática de Tina é um meio de solidariedade e de associativismo entre as mulheres nas comunidades guineenses. (Mendes, 2017, p. 8)

Observa-se que a tina pode ser compreendida através de algumas características diferentes, tais como: o ritmo, instrumentos, a dança, vocal, etc. No que diz respeito às características mencionadas, o ritmo é muito rápido, som que faz as pessoas dançarem. Ela não tem um metrônomo padronizado, pois depende de quem toca. Como instrumentos, coloca-se meia parte de uma cabaça em uma bacia grande com água. Utiliza-se um tambor grande tradicional, que é o principal instrumento, tambores de tamanhos diferentes, palmas das mãos e sadjós (coco de manga com pequenas pedrinhas por dentro). Também possui outra característica, que é a dança, com movimentações fortes dos pés com o corpo inclinado, e as pessoas em forma de círculo e convidando para uma movimentação corporal em grupo. O vocal seria outra característica. O canto é feito em línguas de diferentes grupos étnicos locais: balantas, mandjakus, pepelis, mandingas, etc. Incluindo a nossa própria língua guineense, o “criolo”.

Figura 1 - Grupo de extensão Cabaz Garandi da Unilab



Fonte: Galileu Gomes Inde.

A imagem apresentada acima foi registrada pelo estudante Galileu Gomes Inde durante uma roda cultural na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), na qual os estudantes realizavam a dança tina.

Figura 2 - Jovem guineense tocando tina



Fonte: Instagram @netos_de_bandim (2025)

A figura 2 mostra um jovem tocando tina. Ele colocou a cabaça dentro de um barril de vinho com água no interior. Segundo Manecas Costa, numa entrevista no canal Fundo do Baú, publicada em 2016 no Youtube:

> [...] quando as mulheres iam lavar as roupas no rio, tinham a tradição de ir em grupo, andando juntamente ao rio. E daí uma delas deixou cair a cabaça, que, quando bateu na água, fez aquele som zumbido de (pum). E elas fizeram o que sentiram no rio ou na lagoa, em casa, onde cortaram o barril de vinho,

> colocaram água e cabaça. É um instrumento que não é eletrificado, obviamente, temos a festa, temos palmas e as pessoas dançando". (Manecas Costa, 2016)

Trazemos essa entrevista de Manecas Costa (2016) para apresentar de que forma essa prática musical aparece no dia a dia. Ela mostra como a tina surgiu de uma simples ocasião em que as mulheres iam lavar roupas no rio. O que demonstra a importância da criatividade popular ao fazer a transformação de um objeto que se usa no nosso cotidiano (cabaça) em um instrumento musical não eletrificado que tem um papel de destaque em momentos de festa, danças e outras celebrações. Por outra parte, trazemos essa citação para mostrar que não estamos apenas trabalhando com pesquisas teóricas, mas também consultando informações que vêm de artistas musicais, como Manecas Costa, Ernesto Dabó e algumas pessoas que tiveram um papel muito importante na criação da cultura musical guineense ou que também vivenciaram a tradição.

> Apesar dos mistérios que envolvem a origem da Tina, acredita-se que este género musical foi criado por mulheres guineenses da região de Cacheu, terra de manjacos, localizada na província norte da Guiné-Bissau. Julga-se que era tradição das mulheres nesta região irem buscar água e lavar as suas roupas no rio Cacheu, usando uma cabaça como vasilhame. Era uma prática habitual encontrarem-se, não só para realizar algumas lides, como também para se juntarem com as outras mulheres, muitas das vezes mandjuas, para poderem falar entre si sobre aquilo que se passava em casa com os seus maridos e dificuldades do dia-a-dia, criando um espírito de camaradagem, em que todas podiam desabafar aquilo que ia no seu íntimo. (Fundação Ami, 2023, p. 4)

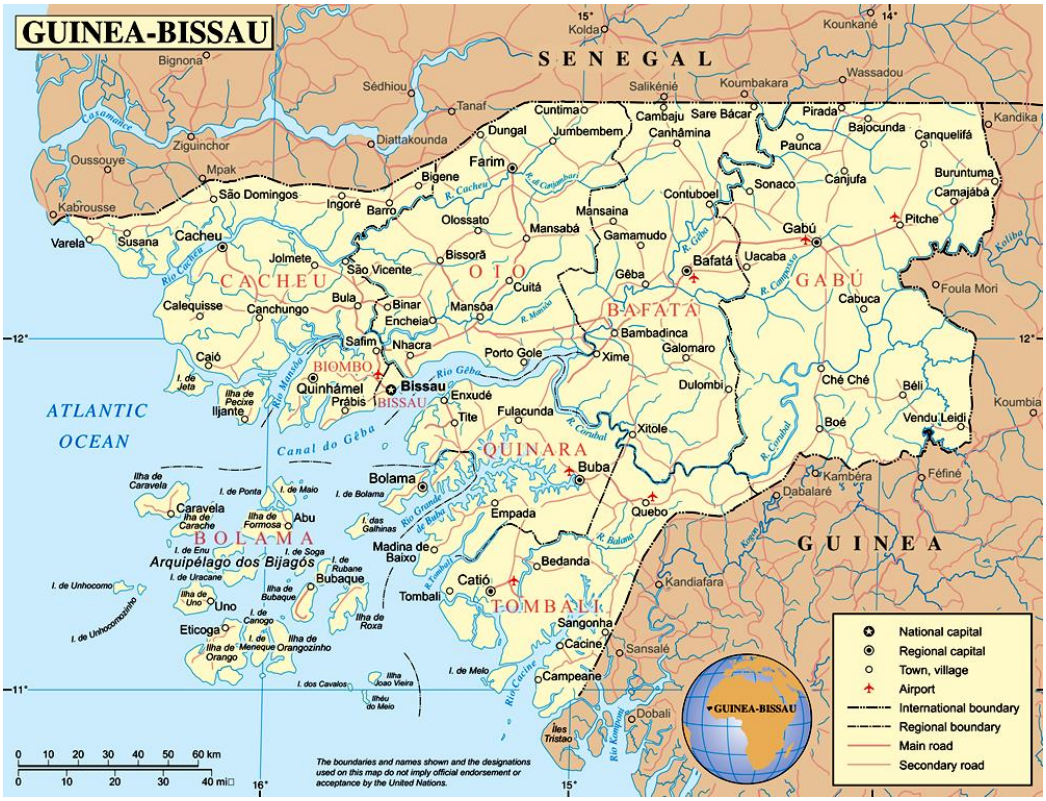
Fazer uma contextualização histórica e social nos ajuda a não esquecer que a tina está dentro do campo das práticas femininas. Esse estilo musical durante a sua criação e até nos dias atuais fez uma transmissão cultural que passa de geração para geração, que até hoje deixa a memória do povo guineense viva. Esse gênero é considerado símbolo nacional da música guineense, porque consegue unir diferentes etnias da Guiné-Bissau num só ritmo musical e representa a cultura guineense dentro e fora do país.

Em seguida, neste mesmo capítulo, iremos tratar do Gumbé, mostrando sua origem, suas características e sua importância cultural da Guiné-Bissau. Fazer uma análise desse gênero musical nos permite entender a sua relevância histórica, social, bem como seu papel na construção e valorização da cultura guineense.

2.2 GUMBÉ

A Guiné-Bissau é um país que fica na costa ocidental da África, faz fronteira a norte com o Senegal, leste e sudeste com a Guiné-Conacri, e oeste com o oceano Atlântico. A capital é Bissau e o país tem um território de 36,125 km², que inclui o arquipélago dos Bijagós na costa atlântica.

Figura 3 - Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: https://thumbs.dreamstime.com/z/mapa-pol%C3%ADtico-de-guin%C3%A9-bissau-103661003.jpg

A Guiné-Bissau é um país que tem muita diversidade cultural e possui mais de 20 grupos étnicos, incluindo: Pepeis, Fulas, Mandingas, Beafadas, Nalus, Bijagós, Manjacos, Balantas, Fulupes e outros. Todas essas etnias vivem em uma mesma nação, mas a cultura de cada uma delas é diferente, sua forma de praticar rituais, realizar casamentos, cerimônias. E até os ritmos da musicalidade são diferentes.

> As raízes musicais tradicionais da Guiné-Bissau são profundas, refletindo a diversidade étnica do país, que inclui os Balanta (30%), os Fula (20%), os Manjak (14%), os Mandinga (13%) e os Papel (7%). Cada um destes grupos étnicos possui as suas próprias tradições musicais distintas, instrumentos

> únicos e contextos de atuação específicos, que vão desde cerimónias e rituais até encontros sociais. (A História, s.d).

Tudo isso mostra que as tradições da música guineense estão ligadas de ponta a ponta na estrutura social e cultural do país. Essa multiculturalidade reflete nos diferentes ritmos e também nos instrumentos. Mas o Gumbé é visto como um elemento que une esses diversos estilos culturais.

> O gumbé é um gênero musical que nasceu da junção de alguns ritmos tradicionais da Guiné-Bissau, como o Tina, Tinga, Brocxa, Kussundé (da etnia Balanta), Djambadon (Mandinga) e Kunderé (Bijagós). O instrumento principal desse ritmo é a cabaça ou apenas o cabaz (Coraçãoafricano, 2015).

Trazemos essa citação para fundamentar mais a nossa pesquisa sobre o gumbé, que é um outro estilo musical que nasceu dos povos guineenses da Guiné-Bissau. O que mostra a riqueza da diversidade cultural do povo guineense e como a música funciona também como um elemento da união, que promove a irmandade entre diferentes grupos étnicos locais.

As questões pesquisadas sobre o gumbé e a tina nos permitem perceber as raízes tradicionais da música na Guiné-Bissau, que nasceram nas práticas culturais locais e na ancestralidade. Neste caso, para além desses ritmos tradicionais, é de extrema importância mostrar que a música contemporânea da Guiné-Bissau vai além dos ritmos e instrumentos tradicionais, dialogando com as tendências e estilos de outros lugares do mundo. Um exemplo importante é o hip hop na Guiné-Bissau, enquanto uma manifestação contemporânea nascida de uma cultura negra. O hip hop cresceu na diáspora africana como uma linguagem artística intercontinental que tem uma dimensão de instrumental, ritmo, poesia, estilo cultural e intervenção social muito valorizado. Portanto, falar do hip hop na Guiné-Bissau nos mostra em uma grande escala como os músicos guineenses se comunicam com os ritmos culturais globais, fazendo suas próprias experiências históricas, sociais e políticas.

2.3 HIP HOP NA GUINÉ-BISSAU

Daniel dos Santos, no seu livro “Como fabricar um gangsta” (2020), nos mostra que o hip-hop surgiu através de um grupo ou movimento cultural urbano nos Estados Unidos que lutava contra colonialismo, racismo e escravidão, nos anos 1970,

e que tem como seus elementos: Djing, breakdance, graffiti, Mcing, beatboxing, conhecimento da rua, linguagem da rua, moda de rua e empreendedorismo de rua.

Compreender essa origem é importante para entender como o hip hop chegou na Guiné-Bissau e porque foi abraçado pelos músicos guineenses, servindo como uma forma de resistência, gritos à ditadura, denunciando uma sociedade injusta, um sistema que nunca colocou o povo como prioridade.

> O rap africano conservou a essência da cultura hip hop. Os jovens africanos não somente se deixaram fascinar pelo jeito de ser americano no hip hop, bem como se identificaram a esta forma musical na base étnica e racial. Uma vez transformado e adaptado ao contexto de países de terceiro mundo, o hip hop africano se tornou uma forma de reivindicação e de protesto social das mais apropriadas para, primeiro, retratar através da arte, a dura condição de vida dos jovens nos ambientes sociais urbanos; e em seguida, para denunciar os problemas sociais e políticos que continuam assolando os países africanos depois de mais de 50 anos de independência. (Bamba, 2007, s.p.)

Na Guiné-Bissau nos anos 1990, o hip-hop chegou ao país através das influências culturais dos Estados Unidos. Naquele momento, o país encontrava-se em mudanças políticas e sociais, com instabilidade pública e os jovens buscavam novas formas de fazer crítica ao Estado. Naquela altura, os movimentos do hip hop se formaram como um meio através do qual os músicos guineenses passaram a criar suas artes, refletindo sobre a desigualdade social, sobre a corrupção vigente no país e sobre muitos obstáculos que a população guineense enfrentava na altura.

> A musicalidade (Rap) em Guiné-Bissau surgiu nos finais da década de noventa (1990) e como o Rap norte americano ele também é dividido em “old school” (velha escola) e “new school” (nova escola), onde a velha escola tem muitos grupos de rap e muitos mc´s individuais mais influentes no surgimento do rap nacional3: Thunder Body 5, Isca Nº 0, I.C.G.D., Black Doggers, ITC Grusman, Naka B, Fafa D, Masta Kolly e TCC 4. E a segunda geração do rap nacional, Mvd positivo (Grupo), Masta-Gaus (Mc), Mini Mvd positivo (Grupo), FBMJ (Grupo), Rhyman (Mc), N`pans (Mc) Baloberos (Grupo), Raça preto de BM (Grupo), Cientistas Realistas (Grupo), Ponto Morto (Grupo) Torres Gêmeos (Grupo), Microfone Soldier´s (grupo), Death frow (Grupo) entre outros. (Gama, 2017, p. 6)

Trazemos essa citação de Moacir da Gama (2017) para nos ajudar a entender a presença do hip-hop na Guiné-Bissau. Ressaltando que o próprio autor é uma das figuras que impulsionaram e também contribuíram ativamente na transformação do rap guineense. Além de ser pesquisador, Gama também é conhecido pelo nome artístico “Mas G” e participante direto desse movimento cultural transformador.

Mostrando que a sua atuação como cantor nos permite entender o rap na Guiné-Bissau, não só como um gênero musical, mas também como uma forma de resistência de uma identidade cultural que ele ajudou a revolucionar.

Mas G é apontado como uma das vozes mais fortes no que diz respeito à crítica sobre a situação política e social da Guiné-Bissau. Em suas produções artísticas, sempre denunciou várias injustiças envolvendo o povo guineense, povo preto e violações de direitos que marcaram vários períodos do regime político no país. Essas críticas não ocorreram sem consequências, vários músicos que se posicionaram publicamente contra o regime foram alvo de perseguições políticas, ameaças e violências físicas querendo silenciar os porta-vozes do povo. Filósofo Mpack, O Wj, Masta Tito, Mc Igreja e outros chegaram a ser espancados por exercerem o direito à crítica e à liberdade de expressão. Na verdade, a música assume um papel muito importante, servindo como uma forma de resistência política e social.

Na próxima seção deste capítulo, iremos abordar o mentcher-mentcher, que é muito importante dentro do campo da nossa pesquisa. Buscaremos descrever os elementos relacionados a esse tema, para contextualizar o leitor da melhor forma sobre o mentcher-mentcher e sobre a relação que ele tem com a música e com a abordagem do nosso trabalho.

2.4 MENTCHER-MENTCHER

Mentcher-mentcher é uma palavra que provém da língua guineense “crioula”. A língua crioula, na Guiné-Bissau, Cabo Verde e outras nações, é uma língua que mistura um pouco da língua do colonizador com a língua dos grupos étnicos locais. A Guiné-Bissau tem vários grupos étnicos e esses grupos têm as suas próprias línguas originais, ainda preservadas e faladas entre os povos originários desses grupos.

No contexto da língua guineense “crioula”, a palavra mentcher-mentcher significa coisas pequenas que se misturam na gastronomia guineense. Por exemplo, se alguém for cozinhar um prato nacional de nome futi, todos os ingredientes que a pessoa vai colocar se chamam mentcher-mentcher: candja (quiabo), baguitche, djagatu (jiló), camarão, etc.

Figura 4 - Ingredientes (mentcher-mentcher) utilizados na preparação de Futi



Fonte: Michela Mentesse Sá (2026)

A figura 4 nos mostra os ingredientes utilizados na preparação do prato tradicional chamado futi. Antes da preparação, na maioria das vezes, as mulheres que vendem futi no mercado organizam os ingredientes separadamente, permitindo observar cada mistura que será utilizada na composição de futi: camarão defumado, siti (azeite de dendê), candja (quiabo), padja di sabola (cheiro verde), netatú (extrato retirado de dentro do caroço de uma fruta de nome faroba), arroz, sal a gosto.

Figura 5 - Prato futi depois da preparação



Fonte: Michela Mentesse Sá (2026).

A figura 5 mostra o prato futi depois do processo da preparação, onde a mistura de mentcher-mentcher é colocada sobre o arroz, que é a base principal, formando o futi.

A nossa pesquisa não se concentra no campo da gastronomia guineense, mas sim na mistura do contexto musical. O leitor pode ter se perguntado o que a mistura dos ingredientes tem a ver com o mentcher-mentcher no contexto ou ambiente musical. Significa mistura dos toques e instrumentos musicais tradicionais guineenses (Tina, Gumbé, Bagarabu, Djambadon, bumbulum, tambor, sadjós, palma da mão, apito, sikó, etc.) com toques internacionais do Hip hop (rap, R&B, cloud rap,drill etc.).

Mentcher-mentcher é também o nome de um estilo musical que nasceu recentemente na capital Bissau, criado por um jovem cantor e produtor guineense, Alsina Cinzento, produtor da gravadora Cinzento Sound, uma das melhores gravadoras do país. Segundo o rapper Sacerdote P, membro da gravadora Cinzento Sound, em entrevista dada juntamente com Alsina à rádio Capital FM (Alsina, 2021):

> [...] guineense é povo que tem vários grupos étnicos e cada grupo tem o ritmo musical, e raramente são realizados concurso de danças com ritmos tradicionais, sendo mais comuns eventos que valorizam os ritmos não tradicionais, como: Kuduro, Funk, Afro House, entre outros.

Esse estilo passou a ganhar muita força, dominando o mercado musical guineense. Nos últimos anos, a maioria dos outros produtores abraçaram essa criação local e passaram a criar mais instrumentais mixando os toques tradicionais guineenses, tina, gumbé, bagarabu, etc., fazendo uma mistura com gêneros do hip hop, com o objetivo do mundo conhecer os ritmos tradicionais da Guiné-Bissau e valores de sua cultura.

Sendo assim, posso afirmar que, como pesquisador guineense e músico que atua no gênero do hip hop, possuo uma conexão pessoal com as atividades da cultura local e com as linguagens musicais da atualidade. Essa convivência mostra uma visão única do estudo, fazendo uma comparação mais profunda das músicas tradicionais guineenses, como dos processos de adaptação, interligação e valorização dessas expressões no campo do hip hop.

Figura 6 - Um homem velho tocando Bumbulum



Fonte: Elos de Gerações e Texas80 das Américas

A imagem acima mostra um homem idoso tocando um instrumento tradicional chamado bumbulum. Este instrumento é usado principalmente em um ritual chamado Toca tchur, que é feito quando uma pessoa morre. Por um certo período de tempo, a família da pessoa que faleceu se une e faz essa celebração, quando se sacrificam

muitos animais. Nota-se que no instrumento há um buraco retangular, que facilita a saída do som ritmado e também serve para as pessoas colocarem dinheiro em respeito à tradição e como agradecimento à pessoa que está tocando. Para além desse ritual, o bumbulum também desempenha um papel de comunicação tradicional dentro de uma tabanca. Por exemplo, quando um régulo deseja fazer uma comunicação aos povos da sua aldeia, o instrumento é usado como uma forma de chamar atenção.

Figura 7 - Tambor/Tambur



Fonte: print de vídeo de Alsina Cinzento “NO OBI” disponível no Youtube (Canal Cinzento Sound), 2025.

A imagem acima mostra um músico tocando tambor, instrumento tradicional que é sempre visto na cultura da Guiné-Bissau. Esse instrumento é feito de couro de cabra ou de vaca. É um dos instrumentos mais populares da Guiné-Bissau, utilizado nas danças, rituais, cerimônias, casamentos e outros rituais.

Figura 8 - Instrumento Sadjó



Fonte: Instagram por @netos_de_bandim (2025)

A figura 8 mostra os pés das meninas utilizando um instrumento tradicional de nome Sadjó. Esse instrumento é feito de coco de manga, no qual são colocadas pequenas pedras no seu interior. Com a movimentação dos pés durante a dança, ele produz um som que acompanha a música. É muito utilizado nas manifestações culturais guineenses.

Após termos falado sobre o mentcher-mentcher, é importante falar sobre a pessoa por trás da criação desse estilo. O criador dessa fusão de ritmos é Alsina Cinzento. Ele é reconhecido não apenas como fundador do mentcher-mentcher, mas também como um dos melhores produtores da Guiné-Bissau. Vamos descrever a trajetória de Alsina no próximo capítulo.

3 CAPÍTULO 2 - O PRODUTO E O PROCESSO

Neste segundo capítulo do memorial, abordaremos o portfólio, formato escolhido para o desenvolvimento do nosso trabalho. Algumas questões serão discutidas brevemente, como o seu conceito, sua importância e também a forma como vai contribuir nesse trabalho artístico. Neste capítulo, também descreveremos a trajetória artística de Alsina Cinzento e como foi o processo de elaboração do portfólio do músico e produtor guineense.

3.1 PORTFÓLIO

O portfólio é um formato utilizado por artistas para documentar e compartilhar as suas produções, principalmente da área de artes visuais (pintura, fotografia, etc.). Ele também pode ser usado para fazer um trabalho, seja para reunir produções dos estudantes ou de algum artista. O portfólio é um trabalho mais prático diferentemente das monografias que são mais teóricas, com textos dissertativos em que se escreve sobre um tema. Segundo o Instituto Tomie Ohtake (s.d., p. 1):

> O portfólio é um dispositivo comumente empregado no meio artístico que apresenta, de modo sucinto, a produção desenvolvida por um artista ou grupo de artistas em um determinado período de tempo. Como sua etimologia sugere, o portfólio (portafoglio) organiza-se como um conjunto de registros documentais (foglio, folha), com imagens e informações sobre as obras selecionadas, em um formato portátil ou manejável (portare, portar, transportar).

O portfólio é um produto que reúne várias obras de um artista, preservando a memória desse trabalho artístico. Mas ele vai além, é também uma ferramenta de comunicação, uma peça muito fundamental para se apresentar a trajetória de um artista em qualquer categoria: artes visuais, música, dança, teatro, etc. Ou seja, o portfólio vai permitir uma organização e uma comunicação mais clara das produções já realizadas, facilitando mais o entendimento do leitor ou qualquer pesquisador dentro ou fora do campo artístico.

> O portfólio é, ao mesmo tempo, o documento de identidade e o cartão de visitas do artista. Ele condensa em imagens e textos o corpo de trabalho e a trajetória da pesquisa artística, ou seja, apresenta o artista a curadores, críticos, galeristas, colecionadores e jornalistas especializados, já que não existe artista sem obra. (Brasil, 2018, p. 73)

Optei por fazer esse trabalho no formato de portfólio porque ele permite uma abordagem mais conectada com as minhas vivências e coisas que eu aprendi no mundo artístico. E também por dialogar com a minha formação acadêmica. A minha trajetória com a música teve início na infância, a partir do contacto com ritmos tradicionais da minha realidade cultural. Com o passar do tempo, essa paixão foi crescendo e levou-me a explorar também outros ritmos, como o hip hop, afro house, rnb, funk, drill e outros. Essa ligação entre o tradicional e moderno criado por Alsina, despertou em mim a necessidade de pesquisar uma identidade musical própria, baseada na mistura de diferentes elementos musicais. Nesse sentido, o portfólio de Alsina, um artista que trabalho com mentcher-mentcher surge como resultado desse percurso e como um produto artístico cheio de influências culturais da minha formação musical.

Diferente de formatos dissertativos convencionais, como a monografia, o portfólio permite ao estudante fazer um trabalho mais prático, que registra um trabalho artístico relevante. Para além disso, esse trabalho prático, nos permite juntar a teoria e a prática, a fim de transformar o que a gente vive ou aprende em algo mais concreto e também mais perto da realidade. Por outro lado, o portfólio não é uma escolha aleatória, ele vem do próprio Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Unilab que respeita a produção artística, o processo de criação e a própria linguagem artística.

> Trabalho em Linguagem Artística
> O trabalho em linguagem artística (sonora, imagética, audiovisual, corporal, documental, teatral e/ou performática) deve exprimir a apreensão crítica, por parte do(a) estudante, de realidades sociais, culturais e políticas com as quais mantém ou manteve contato, não se dispensando a necessidade de problematização de um tema específico, de uma revisão crítica da bibliografia relevante e de uma reflexão metodológica que oriente a tomada de cenas, eventos e depoimentos, a escolha de material de arquivo a ser incorporado, bem como a montagem de uma narrativa. O trabalho em linguagem artística deve ser necessariamente acompanhado pela apresentação de um relatório ou memorial, nos termos já acima explicitados. (Universidade, 2023, p. 74)

3.2 LAMINE IAFA/ALSINA CINZENTO

Lamine Iafa nasceu na Guiné-Bissau, mais especificamente na região leste do país, Bafatá, no dia 26 de abril de 1994. Filho de Quemo Iafa e Binto Djana, é muçulmano de origem. Não conviveu muito com os pais, pois passou a maior parte

do tempo com os avós e depois se mudou para a capital, Bissau, onde passou a maior parte da sua infância.

Figura 9 - Imagem de Lamine Iafa/Alsina Cinzento



Fonte: Instagram de @alsina_cinzento_beatzcinza, acesso em 20/04/2026.

Ele tinha um grande amor pelo futebol e, naquela altura, o sonho era se tornar um grande jogador. A família apoiava o seu interesse pelo esporte e, durante esse tempo, ele chegou a treinar no clube Sporting Bissau como jogador. Mas o seu gosto pela música permanecia e, na época, ele tentou abraçar as duas coisas. Porém, nem todos os familiares estavam de acordo com a parte musical. Alguns familiares o apoiavam na parte esportiva, com chuteiras, meias e outros equipamentos. Mas esse tipo de apoio nunca aconteceu em relação à música.

Havia pessoas mais velhas no bairro que sempre acreditaram nele. Sempre que surgiam concursos de playback e dança, era colocado à frente, pois reconheciam o talento que ele tinha. Lamine fazia playbacks com músicas de vários artistas nacionais, como Justino Delgado, Malambá Cissé, além de alguns artistas da nova geração naquela época, como o grupo Baloberos, FBMG, Raça Preto, entre outros.

Entretanto, o pai não apoiava o seu envolvimento com a música, em parte por conta da sua religião, já que o muçulmano, segundo Lamine, em alguns contextos, tem sempre uma visão negativa sobre a música. Ela é por vezes associada a algo supostamente inadequado, por isso, o seu pai não via com bons olhos a sua dedicação à música.

O avô de Lamine tinha uma fazenda, em uma região chamada Granja, nos arredores de Bissau, cheia de carneiros e outros animais. Lá, Lamine e os primos iam desde pequenos cuidar dos animais, dar de comer e ajudar o seu avô nos trabalhos da fazenda. Perto da fazenda tinha uma casa meio abandonada que sempre frequentava. Era lá que se isolava, escutando a voz das aves e do vento como se fosse uma magia e, sempre surgia na mente uma melodia, como se aquele lugar guardasse músicas escondidas esperando para serem descobertas. Na verdade, aquilo nunca foi uma coisa séria para ele, mas sim, era um jeito de se sentir feliz e também uma fuga, por não querer trabalhar muito na fazenda. Naquela casa, gostava de cantar e ouvir a própria voz repetindo pelas paredes, ecoando pelas paredes. Às vezes os primos mais velhos costumavam bater nele, sempre que ele gritava. Diziam que era por causa de um ditado: “Se uma criança ficar gritando, os irãs viriam levar a sua voz e ela vai ficar muda”. Mas nunca deu ouvidos.

Durante a nossa entrevista, Lamine relatou que, além da utilização da casa abandonada, criou também uma orquestra debaixo de uma mangueira com instrumentos improvisados, baldes, tigelas e bacias, perto da sua casa. Pois, esse espaço, perto de sua casa apresentava maiores dificuldades por causa do barulho causado pelo Lamine, e também descontentamento dos seus avós da ligação com a música.

Figura 10 - Simulação de criança cantando em casa abandonada



Fonte: Chat GPT.

Figura 11 - Simulação de uma criança com orquestra debaixo da mangueira



Fonte: Chat GPT.

3.2.1 Alsina como produtor e o processo de criação de mentcher-mentcher

A música, que começou como uma simples brincadeira, acabou se tornando algo maior. Hoje, ele é um grande produtor musical com uma identidade própria, ao fazer uma mistura de hip hop com ritmos tradicionais da Guiné-Bissau.

Durante a nossa entrevista, Alsina falou que a ideia de misturar hip hop, drill, afro beat, afro house e outros com instrumentos tradicionais guineenses surgiu de uma vontade de criar algo diferente, com identidade própria. Sempre gostou do hip hop, mas tem uma ligação muito forte com a música tradicional da Guiné-Bissau. Então pensou: por que não juntar os diferentes ritmos para ver o resultado? Essa mistura permitiu mostrar quem ele é, sem precisar copiar estilos de fora.

Para além da teoria, na prática essa fusão acontece combinando ritmos contemporâneos de hip hop com ritmos tradicionais. Ele pega os elementos da música guineense e encaixa dentro do formato do rap, criando um estilo único. Os instrumentos que ele mais usa nessa mistura são os tradicionais, como o tambor, bumbulum, sadjó, palma de tina (tágua de madeira), cora e outros. Eles dão identidade ao som, ao mesmo tempo que produz um ritmo do hip hop.

O que mais o inspirou nesse estilo foi a cultura e as suas raízes, pois cresceu ouvindo música tradicional e, ao mesmo tempo, consumindo hip hop, drill, afro, etc. Também foi muito pela vontade de fazer algo novo para o povo guineense. Em relação à influência, inspira-se muito em mestres que mantêm viva a cultura guineense, como Ramiro Naka, Manecas Costa, entre outros.

O estilo mentcher-mentcher abriu muitas portas para Lamine. No campo artístico, o ajudou a fundar um estilo próprio e muitas pessoas reconhecem e valorizam essa criação. Isso faz muita diferença e, pessoalmente, é muito importante, porque se sente mais conectado com o que ele realmente é. A mensagem que ele quer transmitir é clara: “Dá para valorizar as nossas raízes e, ao mesmo tempo, evoluir. Quero passar orgulho cultural, inovação, mostrar a força da cultura guineense dentro do som moderno”.

Quando começa a criar uma música nova, normalmente começa pela emoção que está sentindo naquele momento, depois a melodia e o ritmo vão se encaixando naturalmente. Ele não segue uma regra fixa na produção, vai criando aos poucos, tentando ideias, montando a base e ajustando tudo até ficar do jeito que quer. É um processo bem livre.

Na maioria das vezes, prefere ficar sozinho, porque consegue focar mais e se conectar com o som. Mas também gosta de trabalhar com novos artistas, porque traz novas ideias. Geralmente ele não decide os sons, batidas e instrumentos, porque gosta de manter o controle da identidade do som. Mas quando trabalha com alguém ou produzindo para qualquer músico, deixa espaço para a pessoa contribuir.

3.3 CRIAÇÃO DO PORTFÓLIO

A ideia aqui é contar a história da produção do portfólio, do início ao final. Começamos criando uma pasta no drive, reunindo fotos de Alsina, baixadas das redes sociais dele. Inicialmente pensamos em fazer uma biografia de Alsina, mas depois consideramos que focar na sua obra era a melhor opção. Uma das primeiras iniciativas foi marcar uma conversa com Alsina para apresentar a ideia e saber se ele estava de acordo. Se ele não tivesse interesse, nada poderia ser feito. A primeira conversa aconteceu pelo Whatsapp, em novembro de 2025. Ele concordou e se colocou à disposição para ajudar no que fosse necessário. Então começamos a planejar a estrutura do portfólio. Escolhemos o WordPress como plataforma e foi criado um site em que eu comecei a fazer experiências, pois eu nunca tinha tido contacto com o Wordpress até então. Com a ajuda da minha orientadora, aprendi a usar páginas, postagens, colocar vídeos, fotos e pensamos numa estrutura inicial para o portfólio. Daí, tudo dependia de marcar a primeira entrevista com Alsina, mas foi difícil conciliar as agendas. Foi preciso aguardar quase quatro meses para fazer a primeira entrevista, que só aconteceu em 2026.

Teve uma fase anterior, de elaboração de um roteiro de perguntas. Elaborei um roteiro e passamos algumas semanas discutindo quais as melhores perguntas. Algumas foram deixadas de lado. Depois pensei na forma de gravar a nossa entrevista. Precisei da ajuda de um colega, Jorgito Barbosa, para encontrar uma forma de gravar essa videoconferência, para poder acessar todas as respostas de Alsina. Segui baixando links de trabalho que tinham a ver e colocando-os no drive. Comecei editando fotos que eu consegui, melhorando a qualidade da imagem com apoio de inteligência artificial (ChatGPT), sem qualquer alteração do conteúdo original. Algumas imagens foram geradas pela inteligência artificial ChatGPT, como forma de simulação de episódios da vida de Alsina.

Antes da realização das entrevistas, houve um processo de contacto, organização e marcação dos encontros. Houve também falhas nas tentativas de encontros, o que fez parte da construção desse trabalho e do desenvolvimento da nossa pesquisa. Duas semanas depois da primeira, aconteceu a segunda entrevista com Alsina. Com base nessas entrevistas, escrevemos os textos sobre Alsina para o memorial e para o site. No WordPress, os desafios aparecem nas propagandas (porque usamos versão gratuita), verificar como funciona a visualização para computador e celular, colocar as bordas para destacar mais fotos, editar os textos que estão inseridos no site.

Por outro lado, o processo de construção desse trabalho envolveu diferentes formas de pesquisar e coletar as informações sobre a trajetória de Alsina no contexto musical guineense. Fomos buscar links de vídeos nas plataformas digitais, especialmente no Youtube e Instagram, onde foi possível encontrar músicas, apresentações e trabalhos realizados por Alsina como músico e produtor de vários músicos da Guiné-Bissau, entre eles: Pensador Jurilírico, Poeta Lit G, Ganda G e outros músicos de destaque no país. Entre essas etapas, buscamos mostrar a importância de Alsina como músico e como produtor guineense de grande relevância, contribuindo significativamente para a valorização dos ritmos tradicionais da Guiné-Bissau. O próximo passo do trabalho será mostrar o trabalho a Alsina e ajudá-lo a utilizar o site como uma ferramenta de comunicação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este memorial tratou da importância da música guineense e do trabalho do músico e produtor Alsina Cinzento, que está renovando e ampliando o alcance da música guineense. Acredito que os artistas guineenses em geral ainda estão começando a explorar internet e meios de dar visibilidade ao próprio trabalho. Portanto, este trabalho alcançou os seus objetivos, não apenas por mostrar a trajetória artística Alsina Cinzento, mas também mostrar a força e a valorização da cultura guineense.

Ao longo deste trabalho, adquiri conhecimentos importantes que vou levar para vida inteira: a minha experiência em fazer um portfólio, fazer entrevistas e aprender a usar uma plataforma de publicação que eu desconhecia. Neste caso, essa experiência permitiu conhecer melhor e compreender os desafios da divulgação da arte na era digital, mostrando como esses elementos podem contribuir para a presença dos artistas guineenses nos meios de comunicação e redes sociais.

Durante a minha caminhada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), enfrentei diversos desafios financeiros, emocionais, sociais e de adaptação no solo estrangeiro. Tudo isso serviu de crescimento e aprendizado.

REFERÊNCIAS

ALSINA. Entrevista com Sacerdote e Alsina à Rádio Capital FM. **Instagram**, 10 set. 2021. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CTpZAIchhza/?igsh=c2FhcnhzOGhqMGt4. Acesso em: 25 abr. 2026

BAMBA, Mahomed. O hip hop africano: Uma forma de re-ligação do continente negro com a diáspora?. In: III ENECULT - TERCEIRO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007. p. 1-15.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Guia do artista visual**: inserção e internacionalização. Brasília: Ministério da Cultura, 2018.

COSTA, Manecas. **Entrevista com Manecas**. Publicado pelo Canal de Fundo de Bau, ano 2016. Disponível em: https://youtu.be/vLB-4c6g680?si=UxLUt48T3q7jwMCe. Acesso em: 4 nov. 2025

DABO, Ernesto. **Nteregu**: Documentário sobre a música da Guiné-Bissau. Ser Mudança, 2024. Disponível: https://youtu.be/nrOubNWExHQ?si=t-4ed5mSkOVE4fxR.

Coraçãoafricano. A musicalidade em Guiné-Bissau com o Gumbé. **Coração Africano**: África é Cultura, África é Ciência, África é Espiritualidade, 27 jan. 2025. Disponível em: https://coracaoafricano2532014.wordpress.com/2015/01/27/a-musicalidade-em-guine-bissau-com-o-gumbe/

A HISTÓRIA da música Gumbé na Guiné Bissau [s.l.:s.n]. Documento digital (PDF). Disponível: https://www.scribd.com/document/853272608/Gumbe-Musica-da-Guine-Bissau. Acesso em: 4 nov. 2025

GAMA, Moacir Armando Soares. **O Rap como agente social na formação**: Da identidade cultural em Guiné-Bissau. 2017. 15 f. Projeto de pesquisa (Graduação em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2017.

FUNDAÇÃO AMI. **Manual da Tina**, Bolama. Guiné-Bissau: Fundação AMI, 2023.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Portfolio: ideias para pensar a organização do trabalho da arte.** São Paulo, s.d.

MENDES, Xavier Sanca. **A música (tina) na formação da cultura guineense**: Os componentes e as interpretações da tina. São Francisco do Conde, Bahia, 2017

SANTOS, Daniel dos. **Como fabricar um gangsta**. Simões Filho: Devires, 2020.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades**. São Francisco do Conde: Instituto de Humanidades e Letras, 2023.